

COLIBRI

Albuquerque

PERIÓDICO LITTERARIO E RECREATIVO. DEDICADO A SOCIEDADE LAGUNENSE

REDACTORES DIVERSOS

— ANNO 1.º — Estado de Santa Catharina — de Junho de 1889 — N.º 12

N.ºS

Com o numero á vista finda-se o primeiro trimestre do *Colibri*.

Não pequenas têm sido as difficuldades, com que temos lutado, em tão curto lapso de tempo, no escabroso terreno da imprensa:—de um lado o indifferentismo publico fazendo-nos erer que ainda não é bem conhecida a força cyclopica que opera na civilização esse typhcu do pensamento moderno; de outro lado o pessimismo sempre pulha dos maleficiados por um orgulho pedantesco, que não comprehendem, na sua eterna beocia, o fim que procuramos nesta santa romaria da imprensa,—mas a tudo temos vencido, tudo temos escalado com a mais ardorosa consciencie de quem trabalha para um fim util e quiçá grandioso.

Até o presente o nosso *meio* tem sido quasi que completamente alheio ás lides litterarias: d'ahi o indifferentismo, o marasmo, a falta de vontade real para emprezas cujos fins não estejam ligados a um catturrismo de ideas, ao proselytismo de certos grupos ca-

ducos, sem utilidade e sem vida intrinseca nos tempos actuaes.

Para sabirmos desse deploravel estado de estagnação intellectual ha uma força leonina que, evoluindo nos cerebros, desperta-lhes as vezes, lá bem do âmago, grandes intelligencias que dormiam esquecidas sob as densas névoas da ignorancia: essa força é a imprensa, o liame das confraternisações sociaes, o telescopio da alma, como disse Lamartine.

Negar-se a sua força preponderante é logicamente impossivel, porquanto para proval-basta a revolução operada neste paiz em 15 de Novembro de 1889, que teve por motora especial a imprensa—que incuando no espirito popular o desmandos da realesa, fez-lhe aceitar a forma de governo que os militares, em um impeto de civismo, inauguraram em toda a plenitude da nação.

Bem conhecemos que não dispomos de elementos para levarmos de vencida essa cruzada grandiosa; mas, talvez que os fortes, os que têm o cerebro reverberado pelas grandes luzes da Sciencia, comprehendendo a verdade destas nossas palavras po-

nham-se tambem em campanha, na elevada luta da civilização do povo, despertando-lhe n'alma o sacrificio pelas artes, pelas letras, pelas sciencias, que vale mais que todos os gozos materiaes, mais que a fortuna, mais que a saúde mesma, na expressão do grande sabião francez Augustin Thierry.

E então, cortado o grosso fio da ignorancia pelo ancylo-tomo do Saber, o povo poderá caminhar avante na conquista da perfectibilidade collectiva.

Saiba o espirito popular comprehender o vigor da imprensa, auxiliando-a, que após os fracos lidadores d'agora virão as intelligencias fortes que farão do nosso sonho de hoje a sublime realidade de amanhã.

FRACOS DE LITTERATURA COMPARADA AO SÉCULO XIX

Porém o erro é manifesto. Para mostral-o, basta lembrar que não ha litteratura de povo algum da actualidade, onde o espirito catholico não só tenha feito uma larga parte; o falar do espirito catholico e fallar da influencia de Roma, e reconhecer, por consequente, ao menos em uma das direcções da actividade pensante, a preponderancia da religião.

Tendo-me proposto no presente escripto um pequeno estudo de litteratura comparada, era natural que buscasse o meu assumpto entre as nações mais cultas: e assim o fiz. O meu trabalho abrange pois uma apreciação comparativa das letras allemães, francezas e italianas, não em todo o decurso do seu desenvolvimento, mas em um periodo determinado da historia litteraria deste seculo. Porque motivo escolhi a Inglaterra do meu campo de observação, para dizel-o com franqueza, devo confessar que não foi somente com o fim de não augmentar as difficuldades da empreza, mas tambem por que tratava-se de um terreno em que sentir-me-hia me nos seguro e desembaraçado.

Estudando a evolução litteraria dos tres paizes, limitada principalmente á epocha decorrida desde 1830 até os nossos dias, como outra cousa não se podia esperar de mim, eu faço da Alemanha o centro das minhas observações. A França e a Italia gyrarão em torno della. Uma questão de sympathia, sem duvida; mas tambem uma questão de methodo e elleito a cada um seguir e applicar o que melhor lhe parece.

Muita gente ainda suppõe, ao ouvir fallar de litteratura comparada, que ahí só se trata de um processo de confrontação e medida dos diversos auctores, para determinar, quaes sejam os mais meritorios. Assim um estudo comparativo das letras francezas e allemães tem a obrigação indielinavel de mostrar, por exemplo, qual dos dois é mais forte na *novellette*. — se Strauss, ou E. Renan, se Thierry, ou L. Ranke, se George Sand, ou a Condessa Hann-Hahn, etc. etc.

Mas isto é um conceito erroneo. A litteratura comparada é simplesmente uma

pesquisa historica das reciprocas influencias, das acções e reacções metachymicas, que abalam os espiritos, em um dos vastos dominios da vida internacional. E só assim é que ella podia assumir feição scientifica e tornar-se realmente digna de ser cultivada.

TOBIAS BARRETO

VICTOR HUGO

De Pariz, o cerebro do mundo civilisado, acaba de chegar—nos a boa nova, que a humanidade culta trata, n'este momento, d'eleva, n'aquelle centro de movimento e foco de todas as luzes, um monumento ao maior poeta deste seculo, ao immortal Victor Hugo, como pequena homenagem de gratidão dos povos civilisados áquelle que em sua lyra cantou, em estrophes divinas, tudo o quanto foi grande no universo.

Esta merecida homenagem do seculo ao seu inspirador, não pôde passar indifferente ao Brazil, que n'aquelle vulto genial da raça latina sempre encontrou, nas epopéas que em catadupas atravessou os seculos, a vereda esteirrada de soes em que tem marchado até hoje nas suas bellas conquistas, como que tem enfeitado a liberdade a terra Americana.

Acompanhando, ainda que pygmeu, no pharol brilhantissimo da imprensa brazileira, as idéas luminosas dos eminentes collegas da Capital Federal, o *Colibri*, em seu pequeno vôo, apresenta as suas mais brilhantes côres, para que sirvam a chamar a attenção de seus leitores em prol

da santa cruzada, que compor-se-ha das luzes do seculo no esforço sublime de elevar-se na terra um monumento condigno do autor da Lenda dos Seculos.

O CORPO E O CEREBRO

Que me seja permitido o fallar d'um assumpto que interessa toda a nossa geração de espiritos desvairados e hystericos. O corpo como nos bons tempos do mysticismo, está em profunda decadencia entre nós; e não é a alma que se excita, mas sim o nervo, a materia cerebral. A carne está dorida com os abalos profundos e repetidos que o cerebro imprime a todo o organismo. Nós estamos doentes, isto é bem certo, doentes de progressiva *hyper-trophía do cerebro*, os nervos desenvolvem-se em prejuizo dos musculos, e estes ultimos, tracos e febris, não podem sustentar a machina humana. Quebrou-se o equilibrio entre a materia e o espirito.

Seria bem cuidar deste pobre corpo se ainda fosse tempo. Esta victoria dos nervos sobre o sangue tem decidido dos nossos costumes, da nossa litteratura, da nossa epocha inteira.

Eu só quero examinar, por assim dizer, os resultados litterarios.

E' evidente que toda a obra, sendo filha do espirito e devendo parecer-se com o pae, o estado de crise ou de saude perfeita da intelligencia faz a obra apaixonada. Os periodos classicos apparecem, quando o sangue e os nervos têm igual força e formam assim temperamentos circumspectos e ponderados; quando, pelo contrario, os

nervos ou o sangue prevalecem, nascem obras de bellos animaes florescentes ou de loucos de genio.

Estudai a nossa litteratura contemporanea: vereis nella todos os defeitos da nevrose que agita o nosso seculo; é o producto directo dos nossos desassossegos, das nossas investigações acerbadas, dos nossos terrores, dessa indisposição geral que soffrem as nossas sociedades cegas em face d'um futuro desconhecido. Nós não estamos, sentimol-o todos, nessa e lade solenne em que a tragedia declamava os seus versos n'uma paz um pouco estúpida, em que a litteratura inteira caminhava regiadamente, sem uma revolta, sem um grito de dôr. Nós estamos na idade dos caminhos de ferro e das comedias esbaforidas, onde o riso, na maioria das vezes, não é mais do que um tregeito angustiado; na idade do telegrapho electrico e das obras extremas, d'uma realidade doentia e ulcerosa. A humanidade resvala, tomada da vertigem, pela ladeira ingreme da sciencia, mordeu o pomo, quer tudo saber.

O que nos mata, o que nos emmagrece, é nós fazermos-nos sabios, é os problemas sociaes e divinos irem ter as suas soluções n'um destes dias. Vamos vêr a verdade, e podemos julgar que impaciencia nos invade, que pressa febril nós temos de viver e de morrer. Nós queremos exceder os tempos, vendemos barato o nosso suor, quebramos o corpo pela grande applicação a que nos entregamos.

Se ousasse, aventurára uma comparação que as nossas sociedades são como uma matilha lançada a uma fêra. Sentimos a verdade que corre na nossa frente e corremos.

Sem querer estabelecer aqui uma relação intima entre o maior obra que se produz, é facil de compreender que as obras d'esta matilha de homens soltos no campo da sciencia, vão ter todos os ardores, todos os assombros da caça brava e terrivel.

A nossa litteratura contemporanea, com os seus impulsos generosos, as suas quedas profundas, nasceu directamente das nossas ardentes aspirações e das nossas prostrações subitas. Amo-a, esta litteratura, achô-a viva e humana, porque é cheia de soluços e porque encontro, na anarchia que a convulciona, uma viva imagem de nosso seculo, porque é o parto das vigorosas sociedades de amanhã. Prefiro-a a estas épocas de serenidade e de perfeição, de uma maturidade completa, que nos tem dado obras cheias e saborosas.

Nos nossos tempos d'investigações e de revoltas, de desmaronamentos e de construcções, sei que a arte é barbara e que não agradaria aos delicados; mas arte toda pessoal e toda livre tem estranhas delicias para aquelles que folgam com as manifestações do espirito humano, e que só vêm n'uma obra o accidente do mundo. Eu amo a nossa anarchia, a ruina das nossas escolas, porque sinto uma grande alegria quando vejo o combate dos espiritos, ao assistir aos esforços individuaes, ao es-

tudar um a um todos esses luctadores, os pequenos e os grandes. Mas morre cedo neste ar; os campos de batalha são insalubres e as obras matam seus auctores. Se a doença vem deste facto, os que o corpo vai mingando em proveito dos nervos, se as nossas obras são desta ordem, se o nosso espirito se exalta — é unicamente porque deixamos amolecer os musculos, e o remedio está na cura, na cultura intelligente e fortificadora da carne. O nosso cerebro desenvolve-se pelo muito exercicio; exercitemos o nosso corpo, e a pouco e pouco se estabelecerá o equilibrio.

EMILIO ZOLA

CORREIO

Cidadão Francisco Elias de S. Siqueira (Ribeirão): A sua poesia — *A minha arte* — não publicamos.

Nas *Primaveras* do Casimiro de Abreu encontramos uma poesia com o titulo *A sempre viva*, e achamol-a muito parecida com a sua, sr. Chico, com a differença porem que na sua poesia encontra-se uns versos... mas que versos!...

Ora, o patrão, o *governador* cá da casa, dá o cavaco em certas cousas que vão por este mundo de Deus, mas o que o homem não perdoa, o que faz-lhe mesmo chegar a mostarda ás ventas, é um plagio qualquer, tanto mais sendo *faz-nia do corpo* da sua poesia.

Em todo o caso, para lho não desgostarmos, para que s. s. não se persuada que ha má vontade da nossa parte e mesmo para que os nossos amaveis leitores possam conhecer a *força do cotubu* do poeta do Ribeirão, ahí vai a sua primeira quadra, que é a melhor:

«A mimosa flor que me deste nas pet'las d'ouro que esta
oh! mãe! flor ostenta
Oh! uma flor que nasceu da leio protestos d'un amor ar-
terra, dente.

Nas pet'las d'ouro que esta Demais, *seu Chico*, e para
flor ostenta concluir, seria tolice publi-
Leio o protesto d'un amor carnos a sua poesia que afi-
materno» nal iria desacreditar os seus

Agora, para que melhor flores de literato, porque
se possa tirar a respectiva quem escreve-- nasceu com
equação, como se diria ar- dous--s--logo dá a entender
thmeticamente fallando, te- que não seria capaz de es-
mós em seguida o verso do crever «pet'las d'ouro» etc.
Casiniro! etc....Ora, *seu chico*...

«A sempre viva que me deste
oh! bella,
oh! sempre viva me será na
mente!

T.P.

DESCALÇA!

Quem és, que ao ver-te o coração suspira,
E em puro amor desfaz-se?

Raio crepuscular do sol que nasce,
De lampada que expira!

Como os teus pés são lindos! como é doce
A curva do teu peito!

Oh! se o meu coração fosse o teu leito,
E o teu amado eu fosse!

Que preciosas perolas descobre
Teu meigo, humido labio!

E virgem! como Deus foi justo e sabio
Em te fazer tão pobre!

Não tens fofo velludo onde se atole
Tua angelica imagem;

Mas quanto é bello o céu, bella a paysagem
E quanto é bello o sol?

Limpo de nuvens, nù, derrete a neve
E a aguia até desmaia.

Tu não tens mais do que uma pobre saia,
E essa curtinha e leve.

Onde o corpo te alteia, a saia avulta;
Onde te abaixa, desce.

E's como a rosa! A rosa nasce e cresce,
Não para estar occulta.

O que te falta pois? os teus desejos
Quaes são; de que precisas?

Ah! não ser eu o marmore que pisas...
Calçava-te de beijos!

JOÃO DE DEUS.

Traticees

Motivos imperiosos e alheios à minha vontade inibiram os meus dilectissimos confrades de admirarem mais uma vez as fulgurações de talento (!) emanadas da *machimata* d'este velho, (pouco à parte a modestia) com relação a assumptos de logographos, charadas, etc.

Eis-me agora aqui, após esse interregno que pareceu-me enorme, a entreter-vos de novo com os meus *tratos* e orala continuem elles a desperiar a attenção d'aquelles que se dedicam a esse passatempo tão agradável,

Rogo pois a todas as *ocellus* que não se deixem *desgarçar* d'esse *redil logographico*.

E agora, como S. Agostinho disse que *veram est in quod veram*, vou tornar patente a s olhos da confraria o verdadeiro decifrador do meu ultimo *quebra-cashola*.

Para não abundar em flôres de rethorica, direi aqui laconicamente que o irmão João Candido matou-nos o logographo passado, e cuja decifração é—*Frei Bernardo*.

E ahí está, a verdade iniludivel da cousa.

Para *acommodação da obrigação* offereço aos meus irmãos as charadas abaixo:

Frei Bernardo

Charadas bisadas

3—O animal
—ca—

2—E' cama.

3—O selvagem
—ba—

2—E' argila.

3—O mariola
—ga—

2—E' parente